

Histoire de ma vie: escrita autobiográfica de George Sand

Dolores Garcia

Universidad de Cuiabá- Brasil
doloresgarcia.1411@gmail.com

Lucy Ferreira Azevedo

Universidad de Cuiabá- Brasil
lucy.f.a@gmail.com

Resumen: George Sand foi uma mulher transgressora e lutadora que entrou no espaço masculino no século XIX. Sob a égide social de padrões patriarcais, atreveu-se a assumir a identidade masculina, embora fosse uma escritora. Para tanto, escreveu romances autobiográficos como *George Sand*. A figura de George Sand conquistou uma visibilidade singular e um capital simbólico de relevo, constituindo-se a sua opinião em objeto de atenção e de consideração para homens e mulheres do seu tempo. Uma leitura que provocou a hipótese sobre de que forma ela foi ao encontro das lutas das mulheres de seu tempo? Nesta perspectiva, surge o objetivo da pesquisa: investigar a escrita feminina da mulher na sociedade do século XIX, no gênero autobiografia. O estudo desenvolveu-se sobre *Histoire de ma vie*, corpus sobre o qual, em pesquisa bibliográfica, fez-se o levantamento de alguns autores que pesquisaram o gênero autobiografia, tais como: Butler (2003), Foucault (1982); autobiografia, Lejeune (2014), e leitura de estudos sobre a autora, como: George Sand (1945), André Maurois (1956).

Palabras clave: Escrita feminina – Gênero autobiografia – Sociedade do século XIX

Abstract: George Sand was a transgressive and struggling woman who entered the male space in the 19th century. Under the social aegis of patriarchal standards, she dared to assume the male identity, although she was a writer. To this end, he wrote autobiographical novels like *George Sand*. The figure of George Sand gained a singular visibility and a symbolic capital of relevance, constituting his opinion as an object of attention and consideration for men and women of his time. A reading that provoked the hypothesis about how she met the struggles of women of her time? In this perspective, the objective of the research appears: to investigate the feminine writing of the woman in the society of the XIX century, in the genre autobiography. The study was developed on *Histoire de ma vie*, corpus on which, in bibliographic research, a survey was made of some authors who researched the autobiography genre, such as: Butler (2003), Foucault (1982); autobiography, Lejeune (2014), and reading of studies about the author, such as: George Sand (1945), André Maurois (1956).

Keywords: Female Writing – Gender Autobiography – Society of the XIX century

Introdução

A mulher, George Sand, começou a entrar na cena literária por volta do século XVIII. Mas, embora já escrevesse há mais tempo, sua visibilidade começou a se expandir por volta desta época - uma mudança que, para a escritora inglesa Virginia Woolf, foi mais importante do que as Cruzadas.

O ingresso da mulher na cena literária foi considerado por muitos como um verdadeiro “apocalipse literário”, pois provocou, entre outras consequências de ordem sócio-econômica, política e cultural, uma mudança radical na relação entre sexos e novas formas de produção literária.

Historicamente, a mulher foi, e ainda hoje é, subordinada ao poder do homem. No mundo que se mostra sob a égide do poder masculino, a mulher tem basicamente a função de procriação, de manutenção do lar e de educar os filhos. E, em um percentual muito grande da humanidade, a mulher usa a força física para seus afazeres domésticos, não para sua defesa das agressões que passavam e passam, haja vista o número de feminicídio atual.

Com o passar do tempo, porém, os inventores criaram instrumentos que dispensaram a necessidade da força física, mas ainda assim a mulher mantinha e mantém sua posição de inferioridade, à margem do homem, como sendo um apêndice, um complemento, não como seu semelhante.

Pouco a pouco, a mulher começa a lutar pelos espaços a que tem direito, começando a sair da posição que culturalmente a deixava/deixa presa. O feminismo dá seus primeiros passos e com isso começa a pensar na possibilidade de um futuro diferente daquele em que as mulheres viviam desde o século XIX.

Voltando ao século XIX, as mulheres começaram a caminhar em um processo lento e gradual de conquistas sociais, econômicas e jurídicas. A partir de então, emergem, mas ainda com risco até mesmo da perda da própria vida para aquelas que ousavam sonhar. Deparamo-nos com o universo feminino que tenta romper as barreiras delimitantes que se

evidenciavam na vida e em muitas literaturas nas quais a mulher aparecia como tema, mas muito raramente como autora até há muito pouco tempo.

George Sand foi uma escritora audaciosa, sem medo de desagradar a ninguém. O perfil incrível dessa escritora inspirou e inspira a conhecê-la mais. As suas superações, tanto na dimensão familiar quanto na artística mostram que foi preciso ter garra para ser escritora mulher no contexto em que produziu. A leitura da postura da nova mulher que ela fez nascer trouxe-nos a hipótese sobre de que forma ela foi ao encontro das lutas das mulheres de seu tempo? Nesta perspectiva, surge o objetivo da pesquisa: investigar a escrita feminina da mulher na sociedade do século XIX, no gênero autobiografia. Este é o fio condutor pelo qual optamos por refletir sobre George Sand, autora da literatura francesa do século XIX.

Espera-se, nesta pesquisa, entender uma mulher sem limites que contribuiu, se não para a emancipação de todas as mulheres, como uma alavanca que incitou os primeiros movimentos feministas. E, as essas pessoas fora de seu tempo, a humanidade deve pelo menos agradecimento e respeito.

Amandine – a mulher e a escritora

Amandine começou a escrever ainda jovem. Por volta de 5 anos, enchia páginas e páginas de pauzinhos e perninhas e já escrevia pequenas frases para sua mãe. A avó de Amandine, percebendo esta facilidade, acreditava que deveria colocá-la num convento, então, com 12 anos foi para o convento e lá completou a educação recebida da avó.

A escritora que adotou pseudônimo masculino deu muito o que falar nos salões da corte e nos círculos sociais que frequentava, devido a sua independência e a sua relação com músicos, escritores, médicos.

Apresentou-se a nós uma mulher de nome masculino, George Sand. Escolheu o nome sem nenhuma regra, simplesmente adotou o nome do seu amante Jules Sandeau.

Sand era uma figura de relevo para o romantismo francês do século XIX, romantismo sentimental.

Percebemos que Sand refere-se a si mesma, alternadamente, no gênero feminino e masculino. É ela a primeira, aliás, a ser apanhada nessa contradição, nesse equívoco tão moderno que avalia a mulher enquanto independente ou submissa ao amor masculino, nunca considerando ambas as condições.

George Sand explorou, na sua escrita, dimensões paradoxais daquilo que na época era registrado como tabu: viver os papéis preestabelecidos da maternidade, vivenciar a própria sexualidade de forma livre, não se preocupar com censura pública, enfrentar vários relacionamentos e valorizar ou profanar valores religiosos. Vozes marcantes em sua construção.

Conforme Bakhtin, o aparecimento do gênero polifônico é uma forma de estender as possibilidades estéticas, pois para ele “qualquer gênero novo nada mais faz que completar os velhos” (273-274), isto é, um gênero novo “apenas amplia o círculo de gêneros já existentes [uma vez que] cada gênero tem o seu campo predominante de existência em relação ao qual é insubstituível” (274).

Embora a História da França tenha mostrado à humanidade mulheres fortes, na vida comum isso não era uma prática das mulheres da época, ou seja, assumir identidade diferente de seu gênero para ter acesso ao reconhecimento ou ter, ao menos, possibilidade de lutar por ele.

Ler George Sand possibilita reavivar as questões numa época em que não se falava em opções de gênero e nem abertamente sobre igualdade de direitos entre eles. O trecho em que ela explicou de forma fascinante a maneira como resolveu vestir-se de homem, quando começou a sua carreira literária em Paris, leva o leitor a refletir como a autora se colocou na narrativa enquanto sujeito, um “ser” e um que “poderia ser” (*História da 1º volume*). Criou, então, uma ambiguidade profunda que provocou a transformação da alteridade em realidade. E mais: sem sentimento de estranheza, pois foi

natural esse trânsito, uma vez que foi ajudada pela avó a, desde a infância, viver a questão da alteridade.

Sand esclarece que para escrever a autobiografia não usou somente suas lembranças, mas que os documentos e as cartas foram fundamentais para a construção, porque suas lembranças eram poucas. Confirma esta necessidade de fatos que marcaram a sua infância, como, por exemplo, quando sua mãe Sophie-Victoire viajou a Madrid para encontrar o marido Maurice que lutava por Napoleão:

Para concluir a história de meu pai, portanto, as únicas fontes de consulta de que disponho são as folhas de serviço, algumas cartas escritas à esposa e as vagas recordações da minha infância (*História da 1º volume 278*).

Embora a busca pelo amor tenha sido o combustível de sua vida, a autobiografia de George Sand, no entanto, impõe-se pela fala forte de mulher. “George Sand foi uma das primeiras mulheres escritoras do seu tempo a publicar uma obra autobiográfica” (Maciel 78) – afirmação que é referendada com a publicação de *História da minha vida*, publicado entre 1847 e 1855. Contudo, foi a partir da publicação de *Lélia* que Sand distinguiu sua escrita literária, tornando-se uma autora reconhecida em território nacional e internacional. As traduções, obviamente, sedimentaram sua fama fora da França (Maurois).

Então resolveu escrever a sua autobiografia para mostrar toda a sua intimidade. Narrava com realismo sua trajetória de vida e de escritora. Por isso começou a escrever não só sua vida como George Sand como também a formação genealógica.

A realização de fazer sua autobiografia levou-a a refletir sobre sua existência, um mergulho no introspectivo, trabalho que exige as escrituras do eu, uma difícil tarefa de retratar sua vida.

Sobre nosso corpus, *História da minha vida*, é um exemplo do gênero autobiográfico com o seu processo fundado sobre a experiência sensorial,

cultural, individual e coletiva, material literário composto em oito anos, um exemplo, dentre outros, da construção simbólica do sujeito na escrita.

Ela começou a escrever sua autobiografia em abril de 1847 e, com muitas interrupções para outros trabalhos, a concluiu em 1855. *História da minha vida* é uma obra literária com valor como um documento social e uma história familiar.

Sand morreu após vinte anos da publicação de sua autobiografia, em 1876, o que significa que se trata de uma autobiografia escrita não no crepúsculo de uma vida, mas no auge e no esplendor, cheia de glória (Maurois).

Depois de mergulharmos na retina da figura de George Sand, começamos a entender a base sob a qual nasceram tantos sujeitos. Conforme Todorov:

Questionar o projeto existencial que consiste em colocar sua vida a serviço do belo. Os textos que lia – relatos pessoais, memórias, obras literárias, e isso porque descreviam diretamente os eventos vividos; no entanto, do mesmo modo que a literatura, esses textos me faziam descobrir dimensões incógnitas do mundo, me tocavam e me incitavam a pensar. Em outras palavras, o campo da literatura se expandiu para mim, porque passou a incluir, ao lado dos poemas, romances, novelas e obras dramáticas, o vasto domínio da escrita narrativa destinada ao uso público ou pessoal, além do ensaio e da reflexão (22-23).

Dessa forma, repensamos a criação de um autor, a força criativa que nasce para nomear/experienciar a vida de outros/as ora em si mesmo ora em outra identidade, utilizando-se de uma expressão oral ou escrita que emana de suas estratégias formadas a partir de sua cultura.

Aqui diviso a autobiografia como o olho e o espelho, ou seja: o primeiro, a vida que alicerça a obra; e o espelho que, como um *flash*, perpassa a memória do escritor. Um eu que institui o outro eu. Ambos verdadeiros. E Compagnon também afirma: “um ensaio de Montaigne, uma tragédia de

Racine, um poema de Baudelaire, um romance de Proust nos ensinam mais sobre a vida do que longos tratados científicos” (31).

A vida da autora provocou, pois, reflexos que sedimentaram sua autobiografia com seus eventos vividos. A literatura é um desvio de outros textos utilitários de uma sociedade que permite a desconstrução da língua/linguagem para uma revelação própria que vai permitir plena liberdade de criação.

Em George Sand vemos um carrossel de perfis políticos, sociais, psicológicos, morais, ou seja, identidades portadoras de dimensões empíricas e de valores sem qualquer censura. Relacionava realidades anteriores de quem escreve, das situações e dos personagens. Todorov também declara sobre a vida no *flash* que a transporta para a obra:

[...] porque ela (a literatura) me ajuda a viver. Não é mais o caso de pedir a ela, como ocorria na adolescência, que me preservasse das feridas que eu poderia sofrer nos encontros com pessoas reais; em lugar de excluir as experiências vividas, ela me faz descobrir mundos que se colocam em continuidade com essas experiências e me permite melhor compreendê-las. Não creio ser o único a vê-la assim. Mais densa e mais eloquente que a vida cotidiana, mas não radicalmente diferente, a literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo (23).

Falando sobre literatura na vida do criador, Todorov diz que, no momento do engenho, vidas novas, mundos nunca habitados, seres realmente indescritíveis ampliam sua visão de mundo, como seres que têm vida própria.

Sobre os pilares dos componentes da obra, Lejeune (*O pacto*) diz que, embora o leitor aceite o *Pacto Autobiográfico*, muitas vezes procura encontrar, na ficção, semelhanças entre a vida do autor, personagens e situações – o pacto fantasmático. Busca uma ruptura do pacto, situação que o discurso garante mostrar: a diferença. E o que pensa ter encontrado de igual na vida e

obra do criador são apenas semelhanças – livres de exatidão de imagens e tempo.

Conviver com a literatura na escrita de George Sand é conhecer novas personagens, novas vidas constituídas de ilusões ou não, é como encontrar novas pessoas, com a diferença de que podemos descobri-las nas personagens criadas pela autora, pois cada ato tem o ponto de vista da autora. Muitas vezes, ao lermos uma obra, podemos nos identificar ou não com ela, tentar achar na história nossas verdades. Quanto mais as personagens se parecem conosco, mais elas ampliam nosso horizonte, enriquecendo assim nosso universo. Na linha de pensamento aqui referido, para Todorov:

Essa aprendizagem não muda o conteúdo do nosso espírito, mas sim o próprio espírito de quem recebe esse conteúdo; muda mais o aparelho perceptivo do que as coisas percebidas. O que o romance nos dá não é um novo saber, mas uma nova capacidade de comunicação com seres diferentes de nós; nesse sentido, eles participam mais da moral do que da ciência. O horizonte último dessa experiência não é a verdade, mas o amor, forma suprema da ligação humana (80-81).

Mais uma vez Todorov explica que a literatura muda nosso modo de pensar, de perceber o conteúdo como seres diferentes de nós, da mesma forma Sand se apresenta, isto é, um caráter representativo de mulher geniosa, bizarra no modo de viver e de muito atrevimento, concomitantemente ao *ethos* arquitetado por ela como George Sand.

Por meio de suas obras, percebemos a incrível habilidade da autora para trafegar do público ao privado, do homem para a mulher e da mulher para o homem em sua maior subjetividade, das questões fenomenológicas às sociais, do sagrado ao profano, do singelo ao grotesco, tudo o que fosse necessário para que George Sand vivesse em plenitude aquilo que considerava viver livre. Foi exemplo de uma mulher a circular na esfera pública transgredindo expectativas e códigos sociais da sociedade burguesa dos séculos XVIII e XIX. Invadiu o espaço masculino lançando-se na literatura até então considerada masculina.

George Sand escreveu por quase meio século, sem nunca deixar de escrever mais páginas do que outros escritores. Seus primeiros livros deixaram as pessoas chocadas, suas primeiras opiniões foram recebidas como tempestades. É interessante estudar a influência desta mulher de pensamento moderno (Maurois).

No mesmo sentido, Oliveira acredita que a autora, pelo fato de romper com os paradigmas de uma sociedade cujo espaço de escrita pertencia em demasia aos homens, por se prestar ao discurso sociológico e antecipar temáticas, com maestria, rompia com os paradigmas da sociedade da época, uma sociedade patriarcal.

Escreveu romances leves, idealizando a vida nas províncias francesas com histórias que ela escreveu para seus netos. Livros que mostraram a desigualdade social e a mulher no espaço sociocultural (Maurois).

A nossa escolha pelo livro, gênero literário autobiográfico, reflete a importância de uma escritora, como todo autobiógrafo, com total domínio sobre a narrativa, fazendo escolhas que envolvem subjetividades como a contação dos enredos, omissões ou marcas vivenciais. Sand cita sua tarefa de autobiografar-se como processo de autoconhecimento:

Não creio que seja presunção e impertinência escrever alguém a história de sua própria vida, e muito menos quando escolhemos, dentre as recordações que essa vida deixou em nós, aquelas que nos parecem dignas de ser conservadas. No caso dela, conforme suas palavras, julgava “cumprir com isso um dever, bem penoso aliás, pois não sei de nada mais do que definirmo-nos e estudarmos a nós mesmos (*História da 1º volume 7*).

A autora confessa a dificuldade de fazer uma leitura de si mesma e acredita ter o dever de descrever mesmo aquilo que a sociedade acreditaria ser deplorável. Mesmo assim, acredita que suas ações, mesmo criticadas, seriam um dever, uma contribuição social.

A propósito, os meus biógrafos que me perdoem se me arrisco a defendê-los e a retribuir com ingratidão a benevolência que demonstraram para comigo, mas não acho, nem delicado, nem

conveniente, nem honesto da minha parte, permitir que acusem meu marido de defeito, dos quais cassei imediatamente de queixar-me assim que reconquistei a minha independência, só para desculpar-me de não ter perseverado em continuar vivendo sob o teto conjugal (21).

Relatou que faria sua autobiografia porque exigia sempre de si sinceridade, aquilo que não via em outros autores em suas autobiografias. A maioria dos seus biógrafos foi de homens antiquados, que a julgavam sob o ponto de vista de tradição feminina estabelecida para a mentalidade da época.

Foi uma mulher vencedora frente aos paradigmas que conseguiu quebrar na construção de sua autobiografia, embora, ao infringir normas, ainda preservasse a memória da avó, selecionando partes que acreditou não devessem ofendê-la, uma vez que sua avó tinha escrito confissões. Conforme Lejeune:

A autobiografia abre um grande espaço à fantasia e quem a escreve não é absolutamente obrigado a ser exato quanto aos fatos, como nas memórias, ou a dizer toda a verdade, como nas confissões (*O pacto* 63).

Sand quis expor-se em sua autobiografia quando abriu com franqueza chocante o seu coração, até chegar a ser impiedosa consigo mesma. Foi responsável por todo o material íntimo registrado em sua obra. A revelação que se segue foi feita para os olhos de uma só pessoa, no entanto, dividida com outras e eventualmente dada ao público.

De resto lamento profundamente acesso de puritanismo que me levou, aos vinte anos, a queimar a maior parte desses manuscritos. Por me virem de uma criatura santa casta como minha avó, escandalizaram-me os olhos; não me ocorreu que se tratava de documentos históricos que poderiam ter alto valor. Alguns talvez fossem únicos, ou pelo menos raríssimos. Os que me restam são conhecidos e têm sido citados em várias obras (*História da* 1º volume 87).

Sand lamenta o fato de ter destruído seus manuscritos porque, com autocensura, segundo ela, os arroubos da juventude enriqueceriam sua obra, mas, infelizmente, seus leitores não tiveram acesso a eles.

Ela escrevia com o que Lejeune (*O pacto*) pregava sobre autobiografia, quando dizia que nela estaria presente um pacto de sinceridade entre o autor, que também é o personagem principal da trama, e o seu leitor, que deveria acreditar naquilo que estava sendo dito. Lejeune prevê que, dentro desse tipo de leitura, é preciso que o leitor acredite naquilo que lhe está sendo contado, justamente pela tríplice coincidência entre autor/personagem/narrador. Assim, afirma:

[...] hei-de cumprir com esse dever; sempre o tive em mira e sempre comprometi comigo mesma a não morrer sem ter o que, toda a minha vida, aconselhei aos outros que fizessem – um estudo sincero do meu próprio caráter e um exame detalhado da minha própria existência (*História da 1º volume 7-8*).

As escritas sobre o eu, no desenvolvimento histórico feito por Hervot, têm origem religiosa, remontam aos gregos no célebre “Conhece-te a si mesmo”. Sand faz uma confissão, um exame de consciência, quando se compromete a falar sobre sua vida pessoal. Hervot afirma que:

Cada uno es responsable de su propia existencia, y las intenciones cuentan tanto como los actos. De ahí el interés nuevo por los resortes secretos de la vida pessoal; la regla de la confesión de los pecados viene a dar al exame de conciencia un carácter ala vez sistemático e obligatorio (Hervot 12).

Nesta afirmação, contrapõe-se a outros autores que refletiram sobre a escrita do eu, como Foucault, Barthes, Lacan e até mesmo Lejeune, que, sobre a individualidade, esclarece que esta não dita o texto para o autor, mas uma entidade representativa de um coletivo do qual o eu é apenas um porta-voz.

George Sand ampliou, assim, a concepção de Lejeune (*O pacto 62*) sobre autobiografia, porque fez mais do que ser simplesmente íntima:

AUTOBIOGRAFIA (...) obra literária, romance, poema, tratado filosófico etc., cujo autor teve a intenção, secreta ou confessa, de

contar sua vida, de expor seus pensamentos ou de expressar seus sentimentos (62).

Segundo o entendimento de Lejeune na citação acima, interpretamos que Sand teve a intenção de falar sobre seus atos, mesmo que esses a fizessem se expor de forma a prejudicar seus escritos. Sobre a sua genealogia por parte paterna, ela possuía dados, de memória ou escritos, embora, sobre a família materna fosse um universo desconhecido para ela.

Eis um ponto em que as genealogias plebeias não conseguem rivalizar como as dos ricos e poderosos deste mundo. Nenhum título, nenhum emblema, nenhuma pintura conserva a lembrança dessas gerações obscuras que passam sobre a terra e não deixam um traço sequer. O pobre morre por completo, o desprezo do rico sela sua tumba e passa por cima dela sem nem querer saber dos restos mortais que seus pés pisoteiam com desdém (Sand *História da 1º volume* 109).

Por esse motivo, Sand não encontrou registros de sua família materna, eles não viam a necessidade e nem o porquê de deixar algo registrado de uma família sem bens. Lejeune (*O pacto*) confirma a fala de Sand de que existe uma hierarquia social em que a vida dos ricos é documentada, enquanto o pobre morre como anônimo. Não existe, pois, para os simples, biografia ou autobiografia que interesse à sociedade.

Também dizia que escrever sobre a própria pessoa pode induzir a invenções pela lei natural do espírito humano, o qual não sabe resistir à tendência que o impele a embelezar o objeto de sua contemplação. Até mesmo o narcisismo inspira os audaciosos impulsos para o alto, infelizmente sob tal excitação, o senso de suas próprias fraquezas.

Pois bem, muito me custa a um artista atingir essa realidade, e os que nela se acomodam são, em verdade, bem abnegados. Quanto a mim, confesso que não consigo levar tão longe o amor do dever, e que não é senão à custa de um grande esforço que vou cair no prosaísmo do meu tema (*História da 1º volume* 10).

A autora acredita serem abnegados os autores que escrevem autobiografia, mas ela confessa que não o faz com tanta virtude, pois acredita ser a sua própria vida desinteressante.

Tomei então da pena para expandir alguma violenta ansiedade que se agitava dentro em mim. Esses fragmentos, em sua maior parte, nunca foram publicados e me servirão de guia no exame que vou fazer da minha vida. Alguns só tomaram uma forma semiconfidencial e semiliterária em cartas publicadas a determinados intervalos e datadas de vários lugares (*História da 1º volume 10-11*).

Confessa que não era fácil falar de si, mas a escrita era para ela uma forma de mitigar a ansiedade, um impulso de libertação de uma ansiedade imensa. Produziu textos literários e teceu comentários críticos sobre a própria obra, em sua opinião, semiconfidências e semiliterários. Esclarece: “Direi por que me dispus a escrever a *história da minha vida*, assim como quem come sem apetite, levado apenas pela razão” (*História da 1º volume 11*).

No entanto, o exercício de elaborar o amálgama vida e arte ajudou-a a superar seus enigmas: “Não mais procuro a chave dos enigmas que me atormentaram a mocidade; resolvi, em mim, muitos problemas que me tiravam o sono. Fui ajudada nisso, pois sozinha nada teria logrado esclarecer” (*História da 1º volume 11*).

A arte, pois, oportuniza reflexões quando ela não resiste à tentação de ir se revelando e ela vai amadurecendo o questionamento sobre porque os seres humanos não levarem a sério a sua existência. Encontra em si própria uma fonte inspiradora: escrever sobre sua vida interior, a vida de sua alma, ou seja, a história de seu próprio espírito e de seu coração, tendo como objetivo fazer disso um fraternal processo educativo – escrita e autoanálise:

Muitos seres humanos vivem sem levar a sério a própria existência, sem compreender, e quase sem buscar descobrir, quais os desígnios de deus a seu respeito, tanto em relação a sua individualidade, como em relação ao ambiente social em que vivem. Passam entre nós em se revelarem porque vegetam sem se conhecer e, embora o seu destino, por menos desenvolvido que

seja, possua sempre uma certa utilidade, ou fatalidade, conforme os desígnios da Providência, é inevitavelmente certo que a manifestação da vida de semelhantes criaturas permanece incompleta e, do ponto de vista moral, estéril para o resto dos homens (*História da 1º volume 13*).

O compromisso espiritual de Sand com o coletivo é evidente nesta citação e está claro no termo em “desígnios da Providência” e, considerando sobre a escrita do eu e a espiritualidade, Hervot considera que a verdade reside não nos fatos e sim na vida interior do homem que busca o sentido da vida interna.

A confissão, continua, poderá revelar uma não coincidência com a vida real do autor, mas este, com ela, produz a recomposição de si mesmo e modifica seu estatuto vivencial. Uma verdadeira luta entre o consciente e o inconsciente que negocia a dita a “verdade”, passando pela escrita (HERVOT, 2013, p. 102)

No mesmo sentido, Lejeune salienta (*O pacto*): “o autor de um texto é, na maioria das vezes, aquele que o escreveu: mas o fato de escrever não é suficiente para ser declarado autor. Não se é autor incondicionalmente” (144). George Sand quis escrever sobre sua vida, que é o que nós esperamos em qualquer obra autobiográfica, o autor contar a sua história.

Os homens de todas as épocas sentiram, instintiva ou distintamente essa verdade, e todas as vezes que um indivíduo verifica possuir, em graus mais ou menos desenvolvidos, o dom de revelar sua própria vida, é arrastado a fazê-lo induzido pela inexistência de alguém, ou por uma voz interior não menos insistente (*História da 1º volume 13*).

No entanto, em Sand, era como uma pulsão autobiográfica que a levava a escrever. Ela se pergunta quantas vezes nos vemos desabafando sobre nossa vida íntima. Por um gesto humilde e nobre, por um impulso natural, ou quando um amigo, um irmão vem confessar-nos as angústias, as perplexidades de sua situação, não nos acode melhor meio animá-lo e convencê-lo, quando se partilha a narrativa das próprias dores.

Na vida íntima, somos frequentemente levados a esse tipo de desabafo, a um só tempo humilde e nobre, por um impulso natural. Quando um amigo, um irmão vem confessar-nos as angústias e as perplexidades de sua situação, não nos acode melhor meio animá-los e de convencê-los, do que os argumentos tirados da nossa própria experiência, pois sentimos, nesses momentos, que a vida de um amigo é a nossa vida, que a vida de um homem é a de todos os homens (*História da* 1º volume 14).

As obras no século XIX, em grande parte, apresentavam a mulher como sendo sedutora, imoral, anjo e outras diversas definições.

A mulher, a literatura e a escrita

Começemos por pensar: o que a mentalidade da época de XIX exigia de uma mulher de sua classe no registro da literatura?

A literatura de autoria feminina suscita diversas reflexões que reivindicam o reconhecimento e o espaço da mulher enquanto autora e leitora de seus escritos. O que não significa que queremos aqui nessa discussão minimizar o valor da literatura de autores masculinos, mas sim reivindicar o direito que a literatura feminina tem em termos de expressão do humano.

Sobre a literatura feminina, Woolf afirma que a escrita de uma mulher é sempre feminina; não pode deixar de ser feminina, mas vale ressaltar que a escrita feminina traz sempre um ideal. A mulher é uma realista moral, ideal marcado pela afinidade com a vida, as mulheres são mais cômicas e satíricas do que imaginativas, sempre têm mais senso de pureza emocional do que os homens. Woolf reconhece “que há uma diferença tão grande entre o ponto de vista feminino e o masculino que ambos têm dificuldade em se entender” (21). Fortalece, pois, as questões de alteridade e igualdade na literatura escrita por mulheres.

Assim como foi em toda a sua vida, em que o papel de mulher e homem estava amalgamado em seu ser, Sand adotou o pseudônimo masculino embora fosse mulher e sua narrativa também espelhasse este feminino. Assim,

parece irônico e talvez uma posição contraditória, porém, na realidade, era apaixonado.

O que as amarras sociais e culturais pediam de George Sand primeiramente era uma educação voltada para o matrimônio, a leitura como um passatempo, a busca do marido, porém ela se rebelou e estabeleceu-se em um oposto. Estudos demográficos revelam que havia no final da Idade Média uma disparidade na distribuição da população por sexo, com predominância do contingente feminino adulto. De fato, envolvidos em constantes guerras e longas viagens, ou recolhidos à vida monástica, era frequente o afastamento dos homens.

Embora a ajuda da mulher fosse imprescindível para a vida social, alguns homens julgavam que, por serem as mulheres imperfeitas, deveriam ser proibidas por lei de ocupar cargos e empregos públicos (PERROT, 1988).

Infelizmente, dando um salto histórico, ressurgiu revigorado o feminismo moderno e outras formas de resistência frente às desigualdades sociais, se considerarmos a sociedade de hoje que, de alguma forma, ainda hoje, apresenta bem vivos os reflexos da história.

Considerações finais

Ao final desta autobiografia, onde procuramos investigar a escrita feminina da mulher na sociedade do século XIX, no gênero autobiografia “*Histoire de ma vie*” e dentro disso focalizarmos a mulher que se mostrou revolucionária para a sua época, chegamos às considerações finais onde esperamos poder fazer um apanhado sobre este estudo de George Sand que flui a partir de sua consciência sobre ser mulher e precisar ter respeitados os seus sonhos. Indagar sobre como um artista produz o belo é, desde os clássicos gregos, uma inquietação de muitas interpretações, sejam elas a partir da cultura, da visão ampliada do outro, enfim, dos diálogos construídos entre os seres humanos que constroem suas concepções em diferentes áreas e/ou expressões.

A ação dialógica da linguagem, a partir da escrita de si, pareceu-nos um recurso importante para a discussão sobre a autobiografia e o quanto a memória foi importante para a realização da criação verbal assumida pela autora.

No decorrer da narrativa *Histoire de ma vie*, como em um carrossel, passam em relevo gerações que compunham a França em uma época de guerra e hábitos de camadas da população.

Quanto à autoficção em si, embora a narrativa dê a sensação de que lemos um romance como outros em que o tempo pode ser cronológico ou psicológico, o autor cria o ardil do mergulho em diferentes épocas que preparam a finalização do texto.

Quanto à problematização levantada no início do trabalho sobre de que forma George Sand foi ao encontro das lutas das mulheres de seu tempo, acreditamos que a própria autora desenvolve a narrativa com os diálogos que travava consigo mesma e com os que passavam por sua vida. Por isso, sua autobiografia pode ser comparada a um carrossel, porque a cada nova experiência vivenciada por ela.

A partir do livro, novas visões estéticas vêm sendo experimentadas e sobre a discussão que o autor entrevê em sua biografia ou autobiografia. A inteligência e a sensibilidade humana são cobertas por uma “bruma” que ajuda a delinear a fronteira entre ciência e imaginação, objetividade e evasão, verossímil ou inverossímil.

O homem é um caçador de sentidos. Esta autobiografia constitui-se numa exemplar manifestação literária que busca justamente encontrar um sentido para as relações entre a Vida e a História, num passado perfeito e num presente perpétuo, tanto aqui quanto nalguma ou em nenhuma parte.

Bibliografía

Bakhtin, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997. Tradução de Paulo Bezerra.

Butler, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*; tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

Compagnon, Antoine. *Literatura para quê?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. Tradução de Laura Taddei Brandini.

Figueiredo, Eurídice. *Mulheres ao espelho: autobiografia, ficção, autoficção*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

Foucault, Michel. *Herculine Barbin: o diário de um hermafrodita*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1982. Tradução de Irley Franco.

Hervot, Brigitte Monique. *Georges Gusdorf e a autobiografia* Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/lettres/article/view/6430/4745>. Acesso em 15 de maio de 2019.

Lejeune, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

---. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

Maciel, Anamelia Dantas. *Autobiografia e memória: uma comparação entre as obras Histoire de ma Vie e Voltar a Palermo*. Tese de doutorado em Teoria Literária. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2011. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/7752/1/arquivo8558_1.pdf. Acesso: maio 2017.

Maurois, André. *Lélia ou a vida de George Sand*. Tradução de Olga Biar Laino. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

Oliveira, Daiane Basílio de. *Ecos da colônia: análise do sujeito-mulher em Indiana de George Sand*. Viçosa, MG, 2017.

Sand, Georfge. *História da Minha Vida*. 1º volume. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1945. Tradução Gulnara Lobato de Moraes Pereira.

---. *História da Minha Vida*. 2º volume. Tradução Gulnara Lobato de Moraes Pereira. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio. Editora, 1945.

---. *História da Minha Vida*. 3º volume. Tradução Gulnara Lobato de Moraes Pereira. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio. Editora, 1946.

---. *História da Minha Vida*. 4º volume. Tradução Gulnara Lobato de Moraes Pereira. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio. Editora, 1946.

---. *História da Minha Vida*. 5º volume. Tradução Gulnara Lobato de Moraes Pereira. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio. Editora, 1947.

Todorov, Tzvetan. *A literatura em perigo*; tradução Caio Meira. ed.- 4ª ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2012.

Woolf. Virginia. *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*. Tradução de Denise Bottmann. Porto Alegre, RS. 2016.